

*Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.*

BEN-ROSH

# הַלָּפִיד

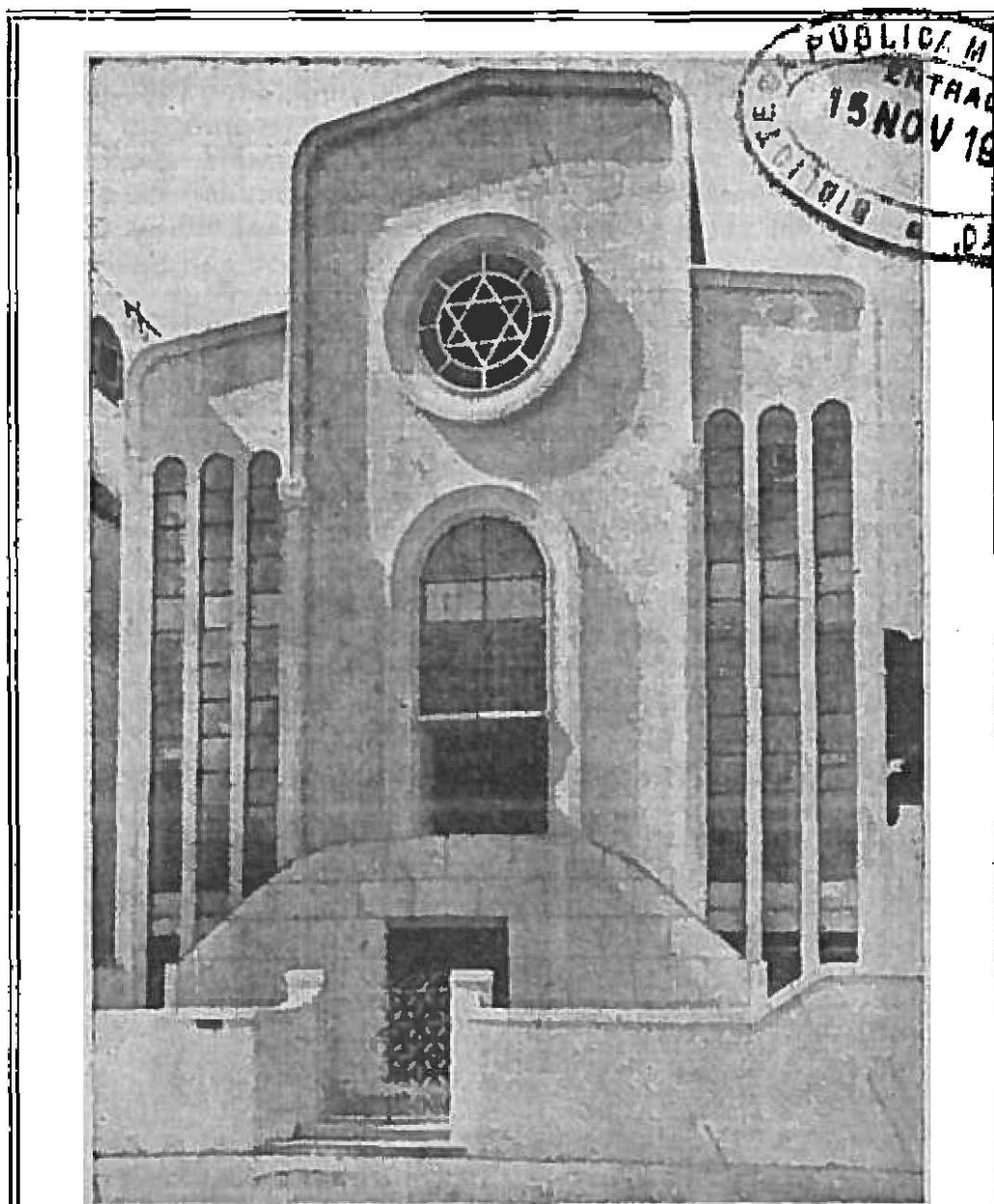
*... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
O FACHO

DIRECT. E EDITOR—A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadourie Mekor Haïm  
Rua Guerra Junqueiro, 340—PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA  
Rua da Restauração, 817-2.º  
PORTO



Fachada da SINAGOGA DA UNIÃO ISRAELITA SHELL GUEMILUT HASSADIM (Obras de Misericórdia), na Rua Rodrigo de Brito n.º 37, Botafogo — Rio de Janeiro.

# A MATANÇA DOS CRISTÃOS-NOVOS

(19-20-21 DE ABRIL DE 1506)

▪ Também em Lisboa se amotinou por esse tempo o vulgacho; e tal foi o desatino e fúria ali erguida, que a pique estiveram os judeus todos, recentemente (como disse-mos) convertidos, de indignamente perecerem. O caso sucedeu assim: Tinham pouco antes chegado a Lisboa muitos navios mercantes da Bélgica francesa e da Alemanha, e a cidade se achava mui nua de burgueses, por se terem dela retirado em razão do contágio; muitos dos que, todavia, tinham ficado se juntaram, em 19 de Abril, na Igreja de S. Domingos para os officios divinos. Há na igreja, da parte esquerda, uma capela com a invocação do Senhor Jesus, mui devota e mui frequentada pelo entranhável acatamento dos fiéis. Assenta sobre o respaldo do altar um crucifixo, em cuja chaga do lado engasta um cristal, que a cobre; e ora como pusessem nela os olhos muitas pessoas, e com eles a imaginação, e vissem sair dela um luzeiro, entraram a bradar *grande milagre!*, pois a Divindade Celeste se representava ali com tais pasmosos sinais. Um daqueles hebreus, que pouco havia se alistaram nas bandeiras do baptismo, negava a altos gritos haver milagre; que nem num lenho seco cabia poder fazê-lo. É bem que muita gente duvidasse do milagre, nunca convinha em tal ocasião nem a tal sujeito empregar suas palavras e afinco em desmagnar um judeu, a gente que tão encarnado tinha nos sentidos semelhante ilusão.

A multidão, que naturalmente é dessisuda e assomada, eivada agora com vislumbres de religião, entrou a bramar de ouvir um cristão denegar crédito a um milagre. Tratam-no de aleivoso e malvado judeu, traidor à fé, cruel e desorado inimigo, digníssimo de todos os tormentos e da morte. Foram crescendo sobre ele os vituperios de toda a parte; e tanto se escandece a cólera naquela mó de povo, que arremetem com o homem, travam-lhe dos cabelos, levam-no de rastos, e atormentando-o até o rossio, que espáirece o convento, e ali cruelissimamente morto o despedaçam;

erguem de súbito uma fogueira, onde arremessam os troços do cadáver.

Acorreu a tal motim toda a gentalha, à qual um frade fez uma pregação acomodada a despertar vinganças de religião. Com a mui azeda exortatória a multidão, que de seu natural toma súbito furor, disparou em veemente feridade. Tinham já dois frades alçado um crucifixo, e empuxado a plebe com altos gritos a matanças; e alternando como em choro, bradavam: *Heresia! Heresia! Dai cabo dela que é maldita; extingui esta gente abominável.* Pojam em terra, vindos das naus, franceses e alemães, e se entremeiam com os lusitanos já cevados na despiadosa chacina. Consta que computavam a 500 homens os que empreenderam o facinorosíssimo destreço. Atravessados de ruindade e desatino, se arremessam a investir ferina e bruta-mente com os míseros judeus: degolam, apunhalam, e ainda palpitantes e com vida os arrojam nas labaredas. Que naquele mesmo rossio, em que o primeiro ardera pelo agravo que sentira o povo dele, roncavam já para tais cruezas amiudados incêndios, porquanto com muito regozijo e pressa escravos e gente do mais vil jaez acarretavam lenhas, a que não desfalecem chamas para a perfeição de tamanho desmandamento. Quebrariam corações de bravias gentes os prantos lamentosos das mulheres, magoadíssimas supplicas d'os homens e os maviosíssimos clamores tão gerais. Mas tão despídos andavam de humano os perdoar nem a idade nem a sexo, com antolhos para tais resguardos, algozavam por maneira que 500 pessoas dos hebreus. É como o boato daquela carnificina se espalhasse no dia seguinte pelas aldeias do termo, vieram delas mais de mil facinorosos verdugos agregar-se ao bando dos malfetores da cidade: com o que refrescou a morte e justiças. É em razão de toda a família judaica se ter, de temerosos, escondido em casa, lhes arrombavam as portas e entravam dentro a degolar, como carneiros, homens e mulheres e as donzelas

mesmas, esmigalhando contra as paredes as criancinhas, tirando, pelos pés uns mortos, outros expirando, para os lançarem nas fogueiras; e muitos mesmos cortados somente de feridas, consumiam nelas vivos. Tal embaçamento se apoderou então daquela misérrima gente e de seus sentidos, que nem lamentar seus mortos conseguiam, nem deplorar seus infortúnios. Os homiziados nem soltar ousavam uma só voz, despedir um só gemido, ao ver arrebatarse-lhes os filhos, os parentes para o suplício. Tanto os desmaiara o susto, que dos mortos dessemelhavam os vivos! Saqueavam-lhes, no entanto, as casas os desalmados, e punham em montes ouro, prata e preciosos móveis. E se naquele dia não morreram mor quantidade, foi pela ânsia que se davam os franceses em roubar e acarretar a presa para os seus navios. Chegou a tal ponto a fúria daqueles sacrílegos, que devassavam os templos sem respeito alguns a Deus, e deles arrancavam os velhos, os meninos e donzelas que aos altares se acolheram, que com as imagens dos santos se abraçavam e que piedosamente imploravam o amparo de Jesus Cristo: logo ali brutaemente lhes davam morte, ou vivos ao fogo os arrojavam. Muitos, que só pela cara ou qualquer outra parecença jizavam pelo judaísmo, correram risco de morte, e outros a padeceram por esse único pressuposto; e ainda vários, antes de lhes averiguarem se tinham com os hebreus conexão alguma, foram com pancadas e com golpes desfigurados. Muitos encontrando com inimigos seus e apelidando-os de judeus, em seu sangue ensojavam as ferinas espadas, sem lhes dar azo a refutarem o falso aleive. Não tinham os magistrados afoiteza tal, que ousassem atalhar o furor da multidão. Houve, contudo, honestos cidadãos que abrigaram, que defenderam os judeus que a eles se amparavam, subtraindo-os a mortes cruellíssimas e pondo-os em seguro. Morreram todavia além de mil, em tal estrago; e já tornavam no dia seguinte os malfeitores desatinados a renovar a carnicaria; mas não achavam a quem matassem: que quase quantos tocavam à gente hebreia se tinham posto em cobro, fugidos uns e encobertos outros em casa de pessoas piedosas. Fizeram contudo algumas justias das costumadas. Em tudo morre-

ram nos três dias ao redor de dous mil judeus.

Sobre tarde entraram na cidade, acompanhados de soldadesca, dous fidalgos mui ilustres, Aires da Silva e Alvaro de Castro, regedores da Casa da Suplicação e Desembargo, e com a sua vinda acalmou o destroço. Porquanto, franceses e alemães com sobejo saque se recolheram logo a seus bordos; e dando à vela, fugiam para suas terras a todo o curso. Logo que D. Manuel ouviu a nova de tão insignes desacordos, ateou-se-lhe tão violenta cólera que despachou súbito a Diogo de Almeida e a Diogo Lobo com suprema alçada a Lisboa, e que dessem a execrandos feitos exemplar castigo. Grão número de culpados pagaram com as vidas a pena de seu desatino e crueldade; e os frades que arvoraram o crucifixo e encomendaram tais ferezas — degradados antes com muita solenidade de suas ordens, pois eram sacerdotes — os enforcaram e queimaram.

Os que foram lentos em comprimir a fúria popular foram uns multados em dinheiro, outros em honras; e a cidade desfalcada em muitas prerrogativas.

*(Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel,  
por D. Jerónimo Osório).*

## Ingratidão

«Se serves uma causa, receia mais a ingratitude de teus companheiros do que as investidas de teus inimigos.

Os primeiros nunca reconherão teres contribuído com o melhor do teu esforço em proveito comum; esperam sempre mais e à menor desconfiança, serão, talvez, capazes de dizer que nada fizeste de útil. Mesmo que teu trabalho esteja bem visível, dirão, até, que foste um empecilho e aniquilaste os seus sonhos. Os teus inimigos, entretanto, serão apenas o que são. Não poderão ser ingratos porque te odeiam. No seu ódio está a justificação do teu valor, de teus sonhos, de tuas realizações».

# ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(*Continuação do número 148*)

## SEGUNDA PARTE

### Organização da Religião Judia Elevação da vida pela Santidade

#### I — Ciclo Hebdomadário

I — Santidade em exercício: Abluções matinais, Orações, Leis alimentares

II — Santidade geratriz: O Sabbat

#### I — Santidade em exercício

#### CAPÍTULO V

##### Actos de purificação

A vida sendo determinada por um certo número de hábitos, o judaísmo esforçou-se de os orientar para a santidade. Logo que se levanta, o fiel deve apresentar-se perante Deus, com as mãos puro, e ele procede para este efeito à ablução das mãos (*netilath yadaim*). Nós cometemos muitas vezes um equívoco quando não interpretamos certas medidas puramente religiosas e simbólicas como prescrições de higiene: a limpeza moral sendo muitas vezes simbolizada pela limpeza física, certas regras puderam ser comuns. Mas, se não houvesse na ablução das mãos, como na circuncisão, como nas leis alimentares, senão pensamentos reservados de higiene corporal, estas leis não teriam nunca sido defendidas pelos fiéis com uma aspereza inflexível: a razão que fez manter as abluções como as outras prescrições análogas, é que os fiéis nisso viram uma ideia moral; as mãos são o símbolo da acção; purificar as suas mãos significa: querer praticar actos puros.

#### CAPÍTULO VI

##### A oração

#### I — Sentido da oração

O primeiro gesto do fiel é purificar-se, o seu primeiro pensamento é para Deus; ele inaugura assim o dia pondo-se em contacto com a santidade divina. Na antiguidade, os israelitas chamavam sobre si certa santidade por meio de sacrifícios sangrentos. Depois que a destruição do Templo de Jerusalém libertou o judaísmo deste dever, o culto exterior foi substituído por uma expressão mais directa do nosso culto interior (*avodá chebalev*): a oração. E, a fim de bem indicar que a oração é um apelo à santidade divina, e não um vão murmúrio dos lábios, os fiéis piedosos deixam o seu lugar no momento de dizer as orações mais importantes, como o *Chemoné esré* e o *Kadiche*, afirmando a sua vontade, por este gesto, de se manter num ambiente santo (*Chekhiná*).

É pela mesma razão que eles revestem o *talesh*, ou *esharpe* sagrada cujo envolvimento é destinado a abstrai-los dos pen-

samentos ordinários, e cujas franjas rituais (Sissith) são destinados a lembrar que nós não nos devemos «deixar arrastar pelos impulsos do nosso coração nem pelas tentações da nossa vista». (Números, XV, 39).

O judaísmo repele também a concepção pagã da oração que faz dela um acto mágico, cuja virtude de cada palavra é suficiente para satisfazer os nossos votos. Não são nem as fórmulas, nem o número das palavras, nem a duração dos officios, nem mesmo a língua na qual se ora que contam, mas a convicção que nisso pomos (Kawaná). Na prática constituiu-se um ritual cujas fórmulas são determinadas hoje para as diferentes comunidades (ritos espano-português, italiano, germano-eslavo), e que é redigido em hebreu ou em arameu. Mas este ritual não se formou com o próprio judaísmo; foi uma obra espontânea dos diferentes rabinos, que, cada um para si, reteve as fórmulas mais felizes e as mais conformes ao seu espírito do momento. Elas são mantidas na ausência de todo o espírito criador. Mas, na origem, a oração era deixada à apreciação do chefe da sinagoga que indicava um tema a um improvisador, o qual bordava as fórmulas, segundo a sua inspiração e o espírito dos fiéis.

Este modo de proceder, bem que ele não seja já praticável hoje em que o público é mais difícil e sobre a forma e no fundo, era mais conforme com o espírito dos nossos sábios que não aprovam a oração que se pratica como um trabalho pesado ou como um dever mecânico (Aboth II, Ber. 28 b, 29 a, 30 a, 34 b, etc.). Certos sábios do Talmud, Rabba e Rab Joseph, consideram que uma oração feita segundo um formulário fixo não é uma delas.

Da mesma maneira que as palavras em si próprias não têm nenhuma importância, a quantidade das que se empregam não tem nenhuma influência sobre o valor; trata-se menos de orar muito do que de orar bem, isto é com convicção e sinceridade. «Perante Deus, diz R. Meir, sede sóbrios de palavras» (Ber. 61 a). O Talmud dá como modelo de oração a que Moisés dirigiu em favor de sua irmã, Miryam, atingida de lepra, e que só se compõe de quatro palavras: Perdoa, cura-a pois! (arra refa na la) (Ber. 34 a). Conforme com este espírito, «não se pode pôr

a orar, nem quando está preocupado com aborrecimentos, nem quando o humor conduz a preguiça, nem quando se tem no espírito futilidades»: não é preciso orar senão quando o coração nos leva a isso (E. c. 31 a).

Esta oração, devendo ser antes de tudo a expressão do nosso coração, pode ser feita em toda a língua na qual este coração é capaz de se exprimir. Os nossos sábios especificam que até as nossas duas orações mais importantes, o chemá e o chemoné esré, podem ser ditas em todas as línguas (Sota 32 b). Se a tradição se manteve de as dizer em hebreu, é unicamente com o fim de manter uma certa unidade através as comunidades dispersas. Contudo, ali onde o hebreu é ignorado da maior parte dos fiéis, é «sabotar» a oração e tirar-lhe o seu carácter edificante, querido pelos nossos sábios, que mantê-lo como língua única; é conduzir a um fim do qual as autoridades de Israel quizeram afastar os seus correligionários, em lhes fazendo um dever mecânico (Kevá).

## II — Local e pessoal do culto, Templo e Sinagoga, Padre e Rabino

A oração, sendo antes de tudo uma expressão sincera dos sentimentos, pode ser dita por toda a parte: «Em todo o lugar onde o meu nome é invocado Eu venho para vós». No período da formação da religião judaica, onde não se podia contar com a consciência individual, foi bem preciso agrupar os fiéis num lugar único, o Templo de Jerusalém, que, por este facto, se tornava: o Lugar Santo, para todo Israel. Além disto, foi preciso lhe manter o seu carácter excepcional quando, na destruição da nação judia, ele se tornou o símbolo de unidade de Israel disperso. Mas, hoje, a religião não reconhece nenhum lugar que seja santo por si próprio: a sinagoga é o local onde a comunidade se reúne para ler a Lei, orar e meditar; esta qualidade pode ser reconhecida a toda a sala dum edificio digno e próprio para receber a santidade divina.

Como o lugar do culto, o pessoal mudou de carácter hoje: o padre (Cohen) não existe mais no judaísmo senão em estado de recordação. Os chefes da religião são os rabinos, simples fiéis especia-

lizados no conhecimento da doutrina e do culto, e que não têm outra autoridade senão a de esclarecer e guiar os fiéis. Estes são admitidos a fazer valer os seus modos de ver: A sua autoridade vem da sua pessoa mais do que da sua função.

### III — Conteúdo das orações diárias

A oração vale pois, segundo o que acaba de ser exposto, não segundo a sua redacção mas segundo as ideias que ela encerra: Que contém a oração diária do israelita?

Tendo começado o dia rendendo graças ao Senhor da Ordem universal e ao génio de Israel que o descobriu e fez conhecer ao mundo, ele termina exprimindo a esperança de preencher o dia pela sabedoria, os bons sentimentos, o afastamento da calúnia e da mentira, e profere a esperança que um dia a maldade será desvanecida como um mau sonho, que toda a humanidade será ligada à ideia do bem, e adorará em perfeita comunhão de coração e de pensamento o mesmo Deus sob o mesmo nome.

O dia, assim colocado sob os auspícios do pensamento divino, se continua à noite por preces concebidas no mesmo sentido, salvo que em lugar de saudar as maravilhas da criação, o fiel saúda as sombras nocturnas, mensageiras da paz da noite e das doces meditações, e se prepara para se deitar em paz, seguro de ter merecido a aprovação divina.

(Continua)

## Ano de 1951 da E. V.

### Festas Israelitas

Purim — 22 de Março.

Pessah (Páscoa) — 21 de Abril.

Shebuoth — 10 de Junho.

9 de Ab — 12 de Agosto.

Rosh Ha-Shanah (ano de 5712) — 1 de Outubro.

Yom Kipur (dia de perdão) — 10 de Outubro.

Sukotk (Festas das Cabanas) — 15 de Outubro.

Hanukah (Festa dos Macabeus) — 14 de Dezembro.

## FALECIMENTOS

— Por informações fidedignas soubermos que foram assassinados pelos nazis:

Na Itália: o comendador Guiseppe Pardo Roques, da Universidade Israelita de Pisa; Rabbi Rudolfo Levi.

Na Alsácia o rev.º Haim Wolfinschon.

— Faleceu em Marrocos o rev.º Jacob Shebabo, que foi ministro-oficiante no Porto e em Bragança.

— Faleceu na Itália o Rabbi David Prato, Rabbi-mor de Itália.

— Faleceu em S.º Amaro de Oeiras, a 21 de Março, o distinto engenheiro Jorge Keri, natural de Budapeste (Húngria), que vivia há muitos anos em Portugal.

— Faleceu no Porto, a 17 de Agosto, o Dr. Alfredo Kiefe, Vice-presidente da Assembleia Geral da Comunidade Israelita do Porto.

## A oração

A oração é o culto do coração.

Quando vós fazeis a oração, sabeí diante de quem estais.

Quando tu oras, não consideres a oração como um negócio de hábito, mas como uma humilde súplica ao Senhor.

Aquele que faz a oração como uma obrigação onerosa, não será ouvido pelo Eterno.

E' preciso purificar o seu coração, antes de começar a fazer a oração.

Não se deve fazer a oração quando se tem o espírito abatido ou o coração aflito, nem quando se está demasiado disposto para a alegria, ou que venha de tomar parte numa conversação frívola.

Que as orações que vós dirigis a Deus sejam sempre curtas.

As portas da oração são ora abertas, ora fechadas; mas as portas da penitência são sempre abertas.

*Do Talmud.*

**Visado pela Comissão de Censura**

# UMA GRANDE DAMA JUDIA DA RENASCENÇA

## GRACIA MENDESIA — NASSI

POR ALICE FERNAND-ALPHEN

(CONTINUAÇÃO DO N.º 148)

O excesso destes sofrimentos produziu em Israel, no princípio do século XVI, uma corrente messiânica ardente, primando todos os outros sentimentos: os proscritos estavam animados do mesmo ideal, aspiravam para um fim único: a vinda do Redentor, ou Messias Salvador, que estabeleceria enfim, para estes eternos perseguidos, a paz e a justiça sobre a terra. Esta esperança enfeitiçava todos os espíritos, insuflava no coração dos mártires a força de resistência necessária na aflição e na energia sobre-humana, própria a ultrapassar as piores dificuldades.

Convém saudar aqui a grandeza moral desta pequena minoridade de homens, que mantiveram intangível o domínio de pensamento durante toda a Idade Média e que nunca capitulou, apesar do archote dos inquisidores.

Esta perseverança permitiu ver, no princípio no século XVI, a claridade dum espírito novo se levantar sobre o Mundo: a Renascença intelectual, a Reforma religiosa, onde passa o grande sopro dos Livros judeus, são as duas faces da revolução profunda que se opera nas inteligências.

Se Israel tinha capitulado perante a onnipotência da Igreja e das suas milícias religiosas, nos tempos em que, nem o Sismado Oriente nem a Reforma protestante não existiam, é permitido supor que a evolução do pensamento moderno teria sido grandemente retardado.

Coincidência curiosa: este mesmo ano de 1492, data do exílio hispânico, via cumprir-se um acontecimento capital: a descoberta da América, que ia tornar-se a terra de asilo para todos os oprimidos do mundo.

Foram os Maranos de Espanha, Luiz Santangel e Gabriel Sanchez que financiaram a expedição de Cristóvão Colombo, oferecendo vinte milhões de maravedis, cerca de cinco milhões de francos.

A bordo das três caravelas encontravam-se dezóito judeus, cujos nomes nos foram conservados.

O primeiro que viu a terra foi Rodrigo de Triana; o primeiro que pôs o pé sobre o solo da América foi Luiz de Torres, que Cristóvão Colombo tomou como intérprete junto do grande Khan da Índia.

Jehuda Cresques deu ao compasso os aperfeiçoamentos que permitiram aos navegadores de se dirigirem sobre o mar; Abraham Zacuto apresentou as cartas astronómicas graças às quais foi possível determinar o lugar da estrela polar. Assim são os filhos de Israel que foram aos lados de Colombo durante estes meses de provas que precederam a descoberta do Novo Mundo, este Novo Mundo que ia tornar-se, quatro séculos mais tarde, o refúgio e o lar de seus irmãos fugindo diante dos massacres da Rússia.

O profundo sentimento de amor pela pátria espanhola, sobre o solo da qual eles tinham vivido quinze séculos, foi mais forte no coração dos proscritos que o ressentimento causado pelo tratamento bárbaro que lhes era infligido. Assim, qual não é o espanto do viajante que percorre hoje as margens mediterrâneas, ouvindo os descendentes dos exilados de 1492 exprimir-se ainda no mais puro castelhano do século XV; semelhante fidelidade não se encontra senão entre os Canadianos franceses ou em certas aldeias da Prússia, entre os Huguenotes, colocados por Luís XIV em face do mesmo dilema de consciência com os leais súbditos de Fernando, o Católico.

(Continua).

---

**31 de Março de 1821**

**É extinta a Inquisição em Portugal.**



# MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

## MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 148)

### CAPÍTULO VIII

#### Das trasladações bíblicas em linguagem de que se usava em Portugal

Não só havia entre os Judeus muitos, e mui apurados Ms. Bíflicos dos textos originaes, mas também trasladações, que deles se haviam feito em linguagem vulgar de Espanha; porque depois que os seus sábios haviam dado licença para que os Livros Sagrados se escrevessem em Grego, por ser a Língua mais perfeita e usada, que então havia, a mesma licença se julgou depois applicável à Língua Espanhola muito cursada naqueles tempos; e era já costume, ou antes obrigação terem os Judeus um exemplar da Bíblia na Língua vulgar do país, em que habitavam (Assim o atesta Maimonides no seu *Misnah Thoroh* ou *Segunda Lei* e no *Moreh Nebocim* ou *Director dos que duvidam*).

**Traduções que corriam entre os nossos** — Assim entre os Judeus Portugueses e Espanhóis corriam algumas traduções para uso das Sinagogas e instrução particular de cada um: entre as quais mui nomeadas eram em tempos antigos as trasladações Espanholas de R. Kimchi e de R. Abraam Aben Hefra (Estas trasladações, foram, quanto parece, as primeiras, que houve dos Livros Sagrados em Língua vulgar de Espanha; os Cristãos trabalharam depois algumas, como foram: a que mandou fazer em Castelhana D. Afonso o Sábio por 1260 que se achava emorforada

na sua *História Geral*, obra diversa da *História Universal* do mesmo Rei, que é peça inédita e existe Ms. na Real Biblioteca do Escorial; a outra tradução em Língua Valenciana feita em 1408 por Bonifácio Ferreira irmão de S. Vicente Ferreira e Geral dos Cartuchos, que foi impressa em 1478; a outra tradução em Espanhol, que se acha Ms. na Real Biblioteca de Sua Majestade, de letra, que parece ser do Século XV a qual foi do Senhor Rei D. Afonso V como nela se declara em uma nota de letra antiga, que se acha na folha, que cobre por dentro a pasta; e a outra finalmente, que tinha no Século XVI o nosso Poeta Francisco de Sá de Miranda, cuja leitura lhe facultara o doutíssimo Francisco Foreiro, como se lia na primeira folha dela, que não sabemos contudo se era tradução diversa da antecedente).

Acaso corriam elas também entre os Cristãos, que isto daria ocasião à Constituição Progmática, porque D. Jaime Rei de Aragão proibiu em 1233 as traduções da Bíblia em Espanhol, mandando-o assim publicar no Concílio de Saragoça que se juntou no mesmo ano (A Constituição Progmática vem em Martene na *Colecção dos Antigos Escriitores*, pág. 123 e segs.).

Destas antigas traduções talvez se tirou a trasladação do Pentateuco que se imprimiu em Veneza em 1497 e em Constantinopla em 1547 e 1552 a qual foi anterior à edição da Bíblia Espanhola de Ferrara; esta mesma Bíblia Ferraresca foi trabalhada sobre aquelas antigas versões, como se dá a entender na sua Prefação, de que falaremos em seu lugar.

(Continua).